

FILMAR PARA LEMBRAR, FILMAR PARA RESISTIR: AUSTERIDADE E DEMOCRACIA SOB AMEAÇA NO BRASIL 2025¹

Gregório Albuquerque²

Resumo³

O texto analisa a crise da democracia e os efeitos da austeridade no Brasil de 2025 a partir de filmes como "Ele Está de Volta", "Arábia", "Democracia em Vertigem" e "Apocalipse nos Trópicos", além do documentário "Insurgência, Agentes em Ação". O conjunto demonstra que a austeridade é um projeto político de exclusão, não técnico. A saída está em construir uma democracia substantiva, anticapitalista e antirracista, onde as lutas nas ruas sejam acompanhadas por novas narrativas de transformação.

Palavra-chave: Austeridade, cinema, resistência.

FILMAR PARA RECORDAR, FILMAR PARA RESISTIR: LA AUSTERIDAD Y LA DEMOCRACIA
BAJO AMENAZA EN BRASIL 2025

Resumen

El texto analiza la crisis de la democracia y los efectos de la austeridad en Brasil en 2025, basándose en películas como "He's Back", "Arabia", "The Edge of Democracy" y "Apocalypse in the Tropics", así como en el documental "Insurgency, Agents in Action". El texto demuestra que la austeridad es un proyecto político de exclusión, no técnico. La solución reside en construir una democracia sustantiva, anticapitalista y antirracista, donde las luchas callejeras se acompañen de nuevas narrativas de transformación.

Palabras clave: Austeridad, cine, resistencia.

FILMING TO REMEMBER, FILMING TO RESIST: AUSTERITY AND DEMOCRACY UNDER THREAT
IN BRAZIL 2025

Abstract

The text analyzes the crisis of democracy and the effects of austerity in Brazil in 2025, based on films such as "He's Back," "Arabia," "The Edge of Democracy," and "Apocalypse in the Tropics," as well as the documentary "Insurgency, Agents in Action." The set demonstrates that austerity is a political project of exclusion, not a technical one. The solution lies in building a substantive, anti-capitalist, and anti-racist democracy, where street struggles are accompanied by new narratives of transformation.

Keyword: Austerity, cinema, resistance.

¹Artigo recebido em 01/10/2025. Primeira Avaliação em 15/10/2025. Segunda Avaliação em 04/11/2025. Terceira Avaliação em 07/11/2025 Aprovado em 21/11/2025. Publicado em 10/12/2025.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v23i52.69406>

²Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) - Brasil. Professor/Pesquisador do Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde e professor da disciplina de audiovisual do ensino médio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ), Rio de Janeiro - Brasil. Coordenador da Mostra Audiovisual Estudantil Joaquim Venâncio, do Seminário de Audiovisual e Educação, e do projeto de Acampamentos Pedagógicos Mandala. Produziu o documentário *Ilva!* em 2021. E-mail: gregoriogalbuquerque@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4949064010027837>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5668-5729>.

³ Texto apresentado no Seminário de Estudos do Grupo THESE de agosto de 2025. O grupo THESE - Projetos Integrados de Pesquisas sobre Trabalho, História, Educação e Saúde (UFF/UERJ/Fiocruz) se reúne mensalmente com o objetivo de estudar e discutir temas que integram o referencial teórico dos projetos de pesquisa de seus participantes.

Introdução

Na sociedade capitalista, a realidade passa a ser um campo de disputa ideológica e de representação e produção artística e cultural. A sociedade capitalista industrial, para Fischer (1987), por muito tempo, encarou a arte como algo suspeito, frívolo e opaco por não dar lucro entendendo-a somente como um legado de extravagância das sociedades pré-capitalistas. Porém, com o avanço das condições materiais de produção e com o desenvolvimento da produtividade social, o capitalista tinha a necessidade de mostrar a ostentação de sua riqueza para obter crédito e prestígio.

Segundo o autor Walter Benjamin (1994), a arte tem seu sentido modificado a partir da perda da origem do seu sentido de ritual e de religioso para uma transformação e função social e assim “em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outras práxis: a política” (Benjamin, 1994, p. 172). A “perda da aura”, segundo o autor, permitiu uma transformação da arte e da sua percepção estética, já que a técnica emancipou do seu ritual para o terreno da política. “O que se atrofia na era da reproducibilidade técnica da obra de arte é sua aura”, pois “a técnica de reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido” (p. 168). A alienação no sistema capitalista não está relacionada somente ao trabalho e à mercadoria, para Benjamin (1994), a alienação também é cultural e abarca a perda de experiência e tradição.

O diagnóstico realizado por Benjamin (1994) sobre a crise da cultura moderna e o progresso científico, industrial e técnico posterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), demonstra a contradição da linearidade do progresso racional da história que corresponde às guerras, à destruição e à pobreza da experiência humana. Uma sociedade que atende às necessidades dos estímulos instantâneos do presente, dominado pela mercadoria e submetido à repetição, disfarçada em novidade. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governos. (Benjamin, 1994, p.115).

Benjamin (1994) afirma que os indivíduos que sofreram o impacto da Primeira Guerra Mundial perderam a capacidade de narrar suas experiências. Seus relatos de

guerra eram de uma realidade demasiadamente pesada e pobre de se narrar em relação a grandes narrativas transmitidas ao longo da história de geração a geração. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escavar a história a contrapelo. (Benjamin, 1994, p. 225)

A pobreza desta experiência deve-se ao desenvolvimento da técnica sobre o homem. Para o autor, “uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (Benjamin, 1994, p. 115). Porém a pobreza da experiência impulsiona o indivíduo a criar o novo, a tirar proveito deste ambiente de quase inexperiência. Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Entre os grandes criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa (Benjamin, 1994, p. 116).

O desenvolvimento da técnica “atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem” (Benjamin, 1994, p.21). É a estetização da política, como a prática do fascismo. Por outro lado, “o comunismo responde com a politização da arte” (Benjamin, 1994, p.21). Para o autor, não há documento de cultura que não seja também um documento de barbárie. No seu ensaio sobre a obra de arte, Benjamin (1994) apresenta uma crítica à própria noção de democracia a partir também do desenvolvimento da técnica cinematográfica, pois o cinema foi apropriado pelo fascismo como forma de controle das massas. Os comícios e os desfiles do regime fascista eram espetáculos gravados pelas câmeras com técnicas que permitiam que a própria massa se identificasse e apoiasse o regime. “Vale para o capital cinematográfico o que vale para o fascismo no geral: ele explora secretamente, no interesse de uma minoria de proprietários, a inquebrantável aspiração por novas condições sociais” (Benjamin, 1994, p. 185).

O cinema, desde sua origem no final do século XIX, sofreu diversas transformações na sua linguagem, estética e forma representar o mundo. Além dessas transformações, mudou-se também a forma de como pensar e estudar o cinema na sua relação com o real e com os espectadores. Por esse motivo as imagens sempre estiveram ligadas na construção de uma memória histórica através da

impressão de “realidade” das suas imagens. De tal modo que em vários momentos históricos, o cinema foi utilizado como forma de contribuição para uma interpretação do passado.

Aprofundaram-se as questões sobre o uso de imagens como instrumento ou objeto de pesquisa, mas, significativamente, cresceu o número de estudos voltados para o entrelaçamento entre as políticas governamentais e cinematográficas, culturais e econômicas (Marson, 2009, p. 7)

A definição de cinema político, segundo Aumont (2003) é feita a partir do vínculo entre a política, a arte e a sociedade. Surge a partir do desenvolvimento industrial das relações de comércio internacional e de identidades culturais. O período do cinema como espetáculo para as massas, frequentemente o cinema representava a questão política dos poderes instituídos. Para o autor, a relação entre cinema e política passa por seis questões. A primeira consiste no estudo do poder político no controle da produção cinematográfica. Certos Estados totalitários como a ex-URSS, China etc, utilizaram o cinema para fins de propaganda cultural, escapando das leis do comércio. Da mesma maneira foi o Estado Italiano fascista, com a colaboração da Sociedade das Nações (SDN) e das democracias ocidentais que utilizou o cinema em missões educativas (Instituto Europeu do Cinema Educador). Uma produção do Estado que foi seguida pela China e Cuba. O cenário político e social brasileiro de 2025 reflete as tensões acumuladas por décadas de políticas de austeridade, desmonte dos direitos sociais e avanço de forças antidemocráticas.

Representações cinematográficas da austeridade e democracia

A austeridade e a democracia são representadas por diversos filmes e contextos sociais. A apreciação sobre a escolha dos filmes foi realizada a partir dos textos dos seminários de estudo do grupo THESE⁴ de 2025. Assim, selecionamos as seguintes obras: “Ele Está de Volta”, “Arábia”, “Democracia em Vertigem”, “Apocalipse nos Trópicos” e “Insurgência, Agentes em Ação”.

O filme “Ele Está de Volta”, do diretor David Wnendt, embora retrate o contexto alemão, é uma poderosa alegoria sobre como discursos de ódio, preconceito e

⁴ Grupo THESE – Projetos Integrados de Pesquisas sobre Trabalho, História, Educação e Saúde – UERJ-UFF-EPSJV/Fiocruz - <https://grupothese2005.wordpress.com/>

revisionismo histórico podem ser rapidamente normalizados e absorvidos em sociedades adoecidas pelo medo e pela insegurança. Ao trazer Hitler de volta à Alemanha contemporânea, o filme demonstra como a manipulação da mídia, a desinformação e a banalização do autoritarismo encontram terreno fértil mesmo em sociedades que viveram tragédias do fascismo. Esse paralelo permite pensar o Brasil atual, onde práticas autoritárias, discursos de ódio e negacionismo se disseminam, corroendo os pilares democráticos e justificando políticas austeras em nome de uma suposta ordem.

Por outro lado, o filme brasileiro "Arábia", de João Dumans e Affonso Uchoa, oferece um mergulho sensível e poético na vida da classe trabalhadora brasileira. A narrativa acompanha o personagem Cristiano, cujos relatos revelam uma história de exploração, migração forçada, informalidade e resistência silenciosa. "Arábia" desvela os efeitos concretos da austeridade na vida dos trabalhadores e nos corpos invisibilizados, além de evidenciar a desconexão entre os discursos institucionais e a realidade concreta da classe trabalhadora.

Ao aproximarmos este debate dos filmes "Ele Está de Volta" (2015), dirigido por David Wnendt, "Arábia" (2017), de João Dumans e Affonso Uchoa, e "Democracia em Vertigem" (2019), de Petra Costa, é possível estabelecer um fio condutor que evidencia como o cinema opera como uma lente crítica da crise democrática, dos retrocessos civilizatórios e do desmonte dos direitos sociais.

O filme "Ele Está de Volta" é uma comédia ácida que imagina o retorno de Adolf Hitler à Alemanha contemporânea. Ao despertar, Hitler é rapidamente cooptado pela lógica da mídia sensacionalista, das redes sociais e do entretenimento, tornando-se novamente um fenômeno de massas. O que começa como um delírio absurdo revela-se um espelho perturbador da sociedade atual, em que discursos de ódio, xenofobia, racismo e autoritarismo voltam a ganhar espaço, muitas vezes travestidos de humor, opinião ou "liberdade de expressão".

Esse retrato dialoga diretamente com o Brasil dos anos recentes. O avanço de discursos antidemocráticos, que atacam os direitos humanos, questiona a ciência, promovem fake news e esvaziam os espaços de debate público, é parte da construção de um projeto político que se apoia no medo, na desinformação e na desqualificação do outro.

O filme serve como alerta de que o autoritarismo não retorna exatamente como no passado, mas se atualiza através das mediações tecnológicas, das redes digitais e de um neoliberalismo que, além de explorar economicamente, fabrica subjetividades alinhadas ao consumo, à competição e à indiferença coletiva. No Brasil, isso se expressa tanto na ascensão de lideranças autoritárias como na adesão a projetos ultraliberais que fragilizam ainda mais os pilares da democracia.

Se "Ele Está de Volta" expõe a ameaça autoritária pela via simbólica e midiática, o filme "Arábia" traz um mergulho nas materialidades da vida sob o neoliberalismo. A obra acompanha Cristiano, um operário que, a partir de seu diário, narra uma vida marcada por migrações, subempregos, ausência de direitos e constantes deslocamentos em busca de sobrevivência.

O que se vê em Arábia é a concretização das consequências da austeridade econômica e da reconfiguração do trabalho no capitalismo contemporâneo: informalidade estrutural, esvaziamento dos vínculos trabalhistas, destruição de qualquer projeto coletivo de futuro. A vida do protagonista não é exceção, mas regra dentro de um modelo que considera corpos trabalhadores como descartáveis, exploráveis ao limite, sujeitos à mobilidade forçada e ao sofrimento banalizado.

O Brasil de 2025, atravessado por sucessivas reformas — trabalhista, previdenciária, administrativa — vê o horizonte de proteção social ruir. A austeridade, vendida como solução técnica, revela-se um projeto político de manutenção dos privilégios das elites econômicas, em detrimento da dignidade da maioria. Arábia não é apenas um retrato, é um grito silenciado pela lógica do capital que transforma vidas em estatísticas da informalidade, da fome, do desalento.

Se Arábia traduz a violência estrutural da austeridade e Ele Está de Volta alerta sobre o risco da naturalização do fascismo, "Democracia em Vertigem" oferece uma costura dos processos históricos que levaram o Brasil ao colapso político-institucional que vivemos. Narrado pela própria diretora, Petra Costa, o documentário acompanha desde a ascensão dos governos progressistas, passando pelo golpe parlamentar de 2016 contra Dilma Rousseff, até o desfecho com a eleição de Jair Bolsonaro.

O filme evidencia que a crise da democracia no Brasil não é um fenômeno espontâneo, mas resultado de uma disputa histórica em que setores do empresariado, das oligarquias políticas, do sistema de justiça e dos conglomerados midiáticos operaram articuladamente para destruir o pacto democrático construído após a

ditadura. A democracia, como revela Petra, sempre foi frágil, tutelada, limitada, sobretudo para as populações negras, indígenas, pobres e trabalhadoras.

O golpe, a prisão de Lula, o avanço do discurso punitivo e moralista, a disseminação massiva de desinformação e a ascensão de um governo de extrema direita são capítulos de um mesmo roteiro: o da destruição de qualquer projeto que ameace os interesses das elites econômicas. Neste contexto, a austeridade não é apenas uma política econômica, mas um projeto de reorganização social que transforma a precarização em norma e legitima a violência institucional contra os mais pobres.

O filme “Apocalipse nos Trópicos”, também dirigido por Petra Costa, oferece uma reflexão profunda sobre o desmonte das estruturas democráticas no Brasil sob a ótica das políticas de austeridade. A diretora articula imagens e depoimentos que evidenciam como o avanço de uma agenda econômica neoliberal — marcada por cortes de direitos, privatizações e enfraquecimento dos serviços públicos — não apenas agrava desigualdades sociais históricas, como também fragiliza os pilares democráticos do país. A narrativa do filme revela que, ao lado do autoritarismo crescente e da desinformação, a austeridade deixa de ser uma questão meramente técnica para se tornar uma ferramenta de exclusão e silenciamento. Nesse contexto, a democracia é posta sob ameaça não só pela repressão direta, mas pela negação cotidiana de direitos básicos e da participação popular nas decisões que afetam a vida coletiva.

O episódio “Insurgência, Agentes em Ação”, da websérie “Desafios do Trabalho na Atenção Primária à Saúde” é uma produção autoral, componente de uma pesquisa, e reflete a luta do trabalhador diante do contexto de austeridade do governo da Bahia. Neste vídeo, é possível acompanhar o exemplo de luta coletiva e organizada dos Agentes de Saúde do município de Salvador (BA) pelo cumprimento de seus direitos e a busca por melhores condições de trabalho. Como forma de resistência e luta, esses profissionais montaram um acampamento na Praça Thomé de Souza, em frente à Prefeitura de Salvador.

Em diálogo com a colega Tiana Brum, do Conselho Municipal de Saúde de Porto Alegre (RS), os agentes de saúde soteropolitanos, como Nildo (Jovenildo de Araújo Pereira), denunciam a falta de reconhecimento e valorização de seu trabalho,

mesmo sendo responsáveis pela promoção da saúde e prevenção de doenças em suas comunidades.

Enquanto caminhamos pelas acomodações do acompanhamento, Nildo e outras lideranças do movimento explicam a dívida que a prefeitura de Salvador tem com a categoria desde 2014 e como nunca pagou o piso salarial estabelecido por lei. Além disso, também é explicado como o plano de cargos e gratificações é nocivo para a composição salarial desses trabalhadores.

Os agentes destacam a importância de seu trabalho na diminuição das comorbidades e na melhoria da qualidade de vida da população, ressaltando que ele vai além do simples cumprimento de tarefas diárias: é uma luta por justiça social e melhores condições de vida para todos.

A resistência dos agentes de saúde serve de exemplo para outros municípios do país que também estão enfrentando situações semelhantes. A união e a luta coletiva são essenciais para promover mudanças e garantir o cumprimento dos direitos dos trabalhadores da saúde.

Entrelaçando os filmes, o que se delineia é uma narrativa poderosa sobre o presente. "Ele Está de Volta" mostra como o fascismo se reinventa e se infiltra no cotidiano, "Arábia" denuncia a condição de vida dos trabalhadores sob o capitalismo precarizado e "Democracia em Vertigem" e "Apocalipse nos Trópicos" historiciza o desmonte institucional e político que pavimentou esse cenário.

O Brasil de 2025 carrega os traços desses processos: uma democracia profundamente corroída, marcada pela captura das instituições pelos interesses do mercado, pela militarização da vida, pela destruição dos direitos sociais e pela imposição de uma austeridade que não é técnica, mas política, seletiva e violenta.

Ao trazer esses olhares para o seminário do Grupo THESE, reafirmamos o compromisso de compreender o presente a partir de uma leitura crítica, materialista e comprometida com as lutas sociais. O cinema, neste percurso, não é mero entretenimento, mas ferramenta epistemológica, pedagógica e política.

Considerações Finais

Ao relacionar os filmes, é possível observar que tanto no contexto global como no brasileiro, a austeridade econômica não se separa da crise democrática. A

precarização do trabalho, o esvaziamento das políticas públicas e o crescimento da violência simbólica e material criam um ambiente de desesperança que alimenta projetos autoritários. Nesse sentido, discutir o Brasil de 2025 exige compreender como esses processos não são apenas econômicos, mas também culturais e ideológicos.

A partir dessas reflexões, o Grupo THESE convida os participantes a pensar: como resistir? Quais caminhos para resgatar um projeto democrático e popular que enfrente não só a austeridade, mas também os dispositivos que naturalizam a exploração, o racismo, a violência e o apagamento dos sujeitos históricos que constroem este país?

Pensar o Brasil em 2025 exige, portanto, uma análise que articule o avanço do neoliberalismo, o esvaziamento dos direitos, o recrudescimento dos discursos autoritários e as formas de resistência que emergem, muitas vezes, das margens, dos corpos precários e dos territórios historicamente oprimidos.

O desafio que se coloca não é apenas o de defender a democracia formal, mas de construir uma democracia substantiva, radical, anticapitalista e antirracista, capaz de enfrentar não só a ameaça autoritária, mas também os mecanismos de exploração que estruturam a sociedade brasileira.

Os filmes aqui apresentados não são respostas, mas perguntas urgentes. São provocações para que não naturalizemos nem a austeridade, nem a violência, nem a democracia tutelada. O Brasil de 2025 ainda está em disputa. E essa disputa se faz no campo político, nas ruas, nas redes, nas instituições — e também nas imagens, nas narrativas e nas formas de contar nossas próprias histórias.

Referências

AUMONT, J; MARIE, M. **Dicionário Teórico e crítico de cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Trad. Leandro Konder. 9.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MARSON, M. I. **Cinema e Políticas de Estado**: da Embrafilme à Ancine. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.

Filmografia

ALBUQUERQUE, G. **Episódio 2 – Desafios do Trabalho na Atenção Primária à Saúde: Insurgência, Agentes em Ação.** EPSJV/Fiocruz – 26m39s.

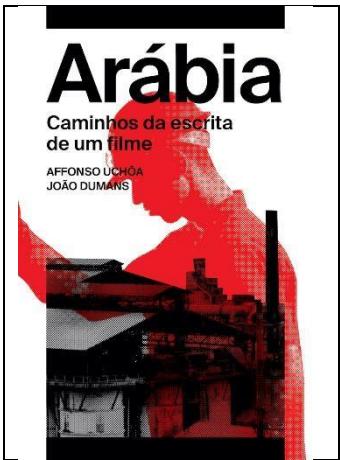
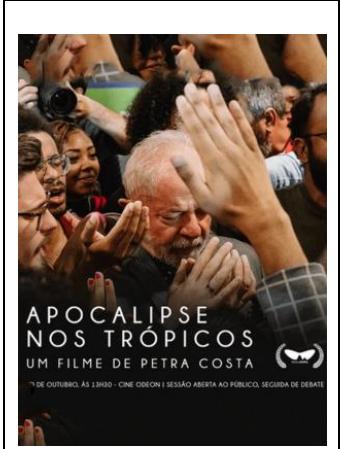
COSTA, P. **Apocalipse nos Trópicos.** Direção: Petra Costa. [S.I.]: [s.n.], 2024.

COSTA, P. **Democracia em Vertigem.** [S.I.]: Netflix, 2019. 1 filme (121 min.), son., color.

DUMANS, A; DUTRA, J. **Arábia.** Belo Horizonte: Filmes de Plástico, 2017. 1 filme (97 min.), son., color.

WACHHOLZ, D. **Ele Está de Volta.** [S.I.]: Constantin Film, 2015. 1 filme (116 min.), son., color.

	<p>Ele está de Volta Baseado no livro de mesmo título, Adolf Hitler acorda em um terreno baldio em Berlin, no ano de 2011, sem memória alguma do que aconteceu depois de 1945. Perdido, ele se vê em uma sociedade completamente diferente, onde não há partido nazista, a guerra e o país é governado por uma mulher. Ele é reconhecido pelas pessoas que acreditam que seja apenas um artista que não consegue sair do seu personagem. Mas, um discurso de Hitler é viralizado na internet, e a partir daí todos querem ouvi-lo, saber sobre ele, até que ganha um programa de televisão onde propaga suas ideias ao mesmo tempo em que tenta convencer a todos que ele é quem realmente diz ser.</p>
	<p>Democracia em vertigem "Democracia em Vertigem" é um documentário de 2019 que explora os bastidores do impeachment de Dilma Rousseff, o julgamento de Lula e a ascensão de Bolsonaro à presidência do Brasil. O filme, dirigido por Petra Costa, aborda esses eventos com uma perspectiva pessoal, entrelaçando o político e o pessoal, e é considerado uma reflexão sobre a crise brasileira e a democracia <u>segundo o Jornal da USP</u>. Disponível em https://www.netflix.com/title/80190535</p>

	<p>Arábia Caminhos da escrita de um filme AFFONSO UCHÔA JOÃO DUMANS</p> <p>Em Ouro Preto, Minas Gerais, um jovem (Murilo Caliari) encontra por acaso o diário de um operário metalúrgico que sofreu um acidente e por suas memórias embarca numa jornada pelas condições de vida de trabalhadores marginalizados.</p>
	<p>Apocalipse nos Trópicos Documentário focado em como o movimento evangélico abriu caminho para a presidência de Jair Bolsonaro e representa a ameaça de uma teocracia nacional.</p> <p>Diretora: Petra Costa (2025)</p> <p>Disponível em https://www.netflix.com/title/81989009</p>
Produção autoral	
	<p>Desafios do Trabalho na Atenção Primária à Saúde: Insurgência, Agentes em Ação (Direção Gregorio Albuquerque) Em diálogo com a colega Tiana Brum, do Conselho Municipal de Saúde de Porto Alegre (RS), os agentes de saúde soteropolitanos, como Nildo (Jovenildo de Araújo Pereira), denunciam a falta de reconhecimento e valorização de seu trabalho, mesmo sendo responsáveis pela promoção da saúde e prevenção de doenças em suas comunidades. Enquanto caminhamos pelas acomodações do acompanhamento, Nildo e outras lideranças do movimento explicam a dúvida que a prefeitura de Salvador tem com a categoria desde 2014 e como nunca pagou o piso salarial estabelecido por lei.</p> <p>Disponível em https://youtu.be/JqjEUhGnGKE?feature=shared</p>